

Miguel Torga – A Baco

Vou-te cantando, Baco!

Não pela colheita de hoje, que é pequena,

Mas pela de amanhã, muito maior!

Vou-te pondo nos cornos estas flores,

Que não querem ser líricas nem puras,

Mas humanas, sinceras e maduras.

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,

A terra, a água, o lume e o suor.

Vou erguendo o meu hino

Como levanta a enxada o cavador!

Lá nesse Olimpo em geios,

Único Olimpo etéreo em que acredito,

Aí me prosterno, rendo e te repito

Que és eterno,

Mais do que Deus e mais do que o seu mito!

Beijo-te os pés – os cascos de reixelo;

Olho-te os olhos de pupila em fenda;

E sabendo que és fauno, ou sátiro ou demónio,

Sei que não és mentira nem és lenda!

Dionisos do Douro!

Pêlos no púbis como um homem,

Calos nas mãos ossudas!

E bêbado de mosto e de alegria,

À luz da negra noite e do claro dia!

Cachos de alvaralhão de cada lado

Da marca universal da natureza!

Ela, roxa e retesa

Como expressão da vida!

À beleza

Sempre no seu lugar, erguida!

E folhas de formosa pelos ombros,
Pelos rins, pelos braços,
Por onde a seiva rasga o seu caminho.
E a cabeça coberta
De cheiro a sémen e a rosmaninho!

Modula a sensual respiração
Do arcaboijo fundo do teu peito
Uma flauta de cana alegre e musical.
E és humano,
Quanto mais és viril e animal!

Eis os meus versos, pois, filho de Agosto
E dos xistos abertos!
Versos que não medi, que não contei,
Mas que estão certos,
Pela sagrada fé com que tos dei!

Miguel Torga, Poesia Completa